

**DISCURSO, MEMÓRIA E HISTÓRIA: FUNCIONAMENTOS DA ESTRELA
AMARELA NO HOLOCAUSTO**

DISCOURSE, MEMORY AND HISTORY: FUNCTIONING OF THE YELLOW
STAR IN THE HOLOCAUST

Maria Cleci Venturini¹

Universidade Estadual do Centro-Oeste

Leandro Tafuri²

Universidade Federal do Paraná

Adriana Cristina Bernardim³

Universidade Estadual do Centro-Oeste

Resumo: As discussões que trazemos com esse artigo incidem sobre a estrela amarela, durante a II Guerra Mundial, analisada a partir do texto-imagem, capturado da página virtual do Museo del Holocausto de Buenos Aires. A questão de pesquisa que sustenta este artigo é: como, pela estrela amarela, se constituem efeitos de construção imaginária dos sujeitos-judeus, marcados/segregados pelos nazistas? O texto-imagem é um todo indivisível, que se estrutura por enunciados-imagens (Venturini, 2009, 2022, 2024), a partir dos quais se constituem redes parafrásticas. Nosso objetivo é analisar as condições de produção de criação e de funcionamento do Museo del Holocausto da Argentina e o título se constitui, de certa forma, como um percurso a ser seguido para responder à questão de pesquisa, que se pauta na história, por meio de documentos, diferenciando-se, portanto, da ficção. Propomos retomar a II Guerra Mundial, como discurso, considerando determinadas condições de produção, recortando em sentido estrito, o Holocausto e, em sentido amplo, as condições sócio-históricas e as memórias que ressoam desse acontecimento. Filiamo-nos à Análise de Discurso de Michel Pêcheux, pois, nessa perspectiva, a história significa como historicidade, decorrente da relação entre exterioridade/anterioridade e o funcionamento das representações do pensamento nos processos discursivos.

Palavras-chave: Análise de discurso; Holocausto; Efeitos de sentido; Estrela Amarela.

Abstract: The discussions in this article focus on the yellow star during the World War II, analyzed from the text-image captured on the virtual page of the Holocaust Museum in Buenos Aires. The research question that supports this article is: how, through the yellow star, are the

¹ Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria. Professora Associada da Universidade Estadual do Centro-Oeste. E-mail: mariacleciventurini@gmail.com.

² Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Centro Universitário Guairacá (Guarapuava-PR) e QPM-PR. E-mail: professortafuri@gmail.com.

³ Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste. E-mail: adrianabernardim@gmail.com.

effects of the imaginary construction of Jewish subjects marked/segregated by the Nazis constituted? The image-text is an indivisible totality that is structured by image-enunciations (Venturini, 2009, 2022, 2024), from which paraphrastic systems are formed. Our aim is to analyze the conditions of production for the creation and operation of the Holocaust Museum in Argentina and the title is, in a way, a path to follow in order to answer the research question, which is based on history, through documents, and is therefore different from fiction. We propose to revisit the Second World War as a discourse considering certain conditions of production, focusing strictly on the Holocaust and, in a larger sense, on the socio-historical conditions and memories that resonate from this event. We are affiliated with Michel Pêcheux's Discourse Analysis because, from this perspective, history means historicity, resulting from the relationship between exteriority/anteriority and the functioning of representations of thought in discursive processes.

Keywords: Discourse analysis; Holocaust; Meaning effects; Yellow Star.

Submetido em 30 de abril de 2023.

Aprovado em 9 de maio de 2024.

Introdução

As considerações acerca do Holocausto são debatidas desde os acontecimentos da II Guerra Mundial, que resultou na morte de aproximadamente 6 milhões de judeus assassinados em campos de concentração. Os alemães nazistas, liderados por Adolf Hitler, em nome da ideologia alemã de raça pura, perseguiram e executaram aqueles que consideravam uma ameaça aos seus preceitos.

Há muitos Museus do Holocausto em diversas partes do mundo e, neste trabalho, destacamos o Museo del Holocausto da Argentina (MHA), por compor a rede Latino-Americana (Rede LAES) para o Ensino da Shoá, da qual também faz parte o Museu do Holocausto de Curitiba. Como salientam Milgram e Rozett (2012), tais espaços, bem como outros discursos, falam/discursivizam o Holocausto e, diante disso, nós, enquanto analistas de discurso, interessamo-nos pelos efeitos de sentido que deles ressoam.

Diante do exposto, objetivamos analisar as condições de produção de criação e de funcionamento do Museo del Holocausto da Argentina e discutir o funcionamento discursivo da estrela amarela, por meio de um texto-imagem recortado da página na internet do referido museu. A pergunta que orienta as discussões é: como, pela estrela amarela, se constituem efeitos de construção imaginária dos sujeitos-judeus, marcados/segregados pelos nazistas?

Para darmos conta desse objetivo e responder à pergunta, ancoramo-nos na Análise de Discurso, de vertente peuchextiana, mobilizando autores como Pêcheux (1997, 2002, 2019), Venturini (2009, 2015, 2022, 2024), Orlandi (2002, 2010), dentre outros.

1. O Holocausto: a discursivização do acontecimento da Segunda Guerra Mundial

Com vistas ao discurso sobre o Holocausto⁴, temos desenvolvido trabalhos em parceria com o Museu do Holocausto de Curitiba e com o Núcleo Regional de Educação de Guarapuava/PR, destacando-se o projeto “Educação, História, Memória: O Museu do Holocausto como uma luz sobre o caos”, apoiado pela Secretaria, Ciência, tecnologia e Ensino Superior do Paraná - SETI. Nesse projeto, foram desenvolvidas atividades em torno da proposta desse Museu, centradas no ensino, junto àqueles que podem ser os formadores de opinião desse acontecimento.

Conforme Venturini e Teixeira (2023, p. 207), “uma luz sobre o caos como enunciado e como prática é mais que uma pretensão, é um desafio”, que sinaliza ao mesmo tempo para a razão de ser dos museus em torno desse tema, como ocorre com o Museu de Curitiba e com a rede LAES, mobilizando diferentes práticas.

Nos projetos e publicações em torno de Museus e Holocausto, centramo-nos na discursivização da Segunda Guerra Mundial, destacando que nesse período a Argentina recebeu mais de 45 mil judeus fugidos da Alemanha, apesar de o país sul-americano apresentar leis rígidas contra os judeus e de muitos moradores locais serem simpatizantes ao regime nazista. Nessas condições de produção, a cidade passou a contar com judeus e seus descendentes, o que fez com que a cultura e sua preservação se tornassem necessárias. Assim, no Museu do Holocausto de Buenos Aires (MHBA), a história do Holocausto do povo judeu é abordada a partir de diferentes materialidades discursivas, como por exemplo, por testemunhos de sobreviventes, por seus objetos, pelos uniformes presos em campos de concentração, pelos seus passaportes e por suas identificações, dentre outros mecanismos.

⁴ A palavra Holocausto será grafada com a primeira letra maiúscula. Grafamos Holocausto com a primeira letra maiúscula, tendo em conta que se trata de um acontecimento e, neste texto, em algumas ocorrências, tratamos da Shoah, mas compreendemos que as duas designações têm origens e encaminham para efeitos de sentidos distintos. Venturini (2023) trata das designações Holocausto, Shoah e Churban como designações distintas. Isso está melhor definido na sequência.

Nossas incursões vão no sentido de dar visibilidade ao acontecimento, não para falar acerca dele, mas para sublinhar que ele retorna, repetindo sentidos, efeitos e práticas. Passados mais de 70 anos desde o final da Segunda Guerra Mundial, o discurso que foca nesse acontecimento segue produzindo efeitos e isso não acontece por acaso. Trata-se de uma guerra que se diferencia daquelas que a precederam pelo impacto produzido no universo, pela dimensão da destruição, principalmente, pelo número de mortes que causou e pelas manifestações de ódio que protagonizou e seguem constituindo efeitos, na atualidade, pelo negacionismo e ataques às sinagogas, **por exemplo.**

Dezenas de milhões de soldados e civis morreram como resultado direto ou indireto dos seis anos de duração dessa guerra. Foi uma luta feroz, entre os exércitos do Eixo – Alemanha sob o nazismo e a Itália e Japão sob o facismo – e os exércitos aliados – Grã-Bretanha, antiga União Soviética e Estados Unidos. Essa foi uma guerra global, na qual foram utilizadas novas armas e técnicas de destruição, dentre elas a primeira bomba atômica, lançada sobre Hiroshima e Nagasaki (JORGE, 2012) e, nela, os civis não sofreram apenas danos colaterais, mas também se converteram em alvos de operações militares e de assassinatos dirigidos intencionalmente contra eles.

Por toda Europa e África do Norte, a população civil em particular foi objeto de destruição massiva, sistemática e total. Os nazistas difundiram esta política, focalizada no extermínio de todos os judeus, por meio da repetição do eufemismo “A Solução Final da Questão Judaica”, podendo-se sustentar que “a questão judaica” resultou da criação de narratividades e da construção de um passado desfavorável a esse povo realizado por um trabalho de memória, de um eufemismo pelo qual os nazistas dissimulavam, usando palavras mais suaves. Os alemães, juntamente com seus colaboradores, dizimaram cerca de seis milhões de judeus, o que veio a ser designado Holocausto. De acordo com Robin (2016, p. 234-235), a memória do Holocausto, “que tinha sido um fardo reservado aos judeus sobreviventes e suas famílias, torna-se algo comum, disseminado em todos os lugares no discurso social, torna-se banal, um emblema da cultura ocidental, que até mesmo se mundializa”.

Mesmo após o colapso do III Reich, a memória do Holocausto evoluiu de forma paradoxal. De acordo com Milgram e Rozetti (2012), existem em todo o mundo museus, memoriais, dias especiais de recordação e programas de ensino, trabalhando para que esse acontecimento seja frequentemente mencionado na mídia, e nos debates

acerca do tempo presente. Disso se pode destacar o uso e o abuso do termo Holocausto, sinalizando que alguns europeus padecem do que se poderia chamar de “saturação do Holocausto”. Essa saturação ocorre na medida em que milhões de sujeitos demonstram indiferença ou desconhecimento do que foi o Holocausto, seus antecedentes e suas repercussões, apesar de viverem nas regiões nas quais o assassinato dos judeus e de outros grupos vulneráveis foi planejado e consumado.

Como analistas de discurso, entendemos que o tratamento desse acontecimento histórico e os discursos que circulam sobre ele discursivizam as práticas nazistas, instaurando diferentes efeitos de sentidos. Pelo que ressoa da memória, circulam outras narratividades que minimizam o impacto do extermínio de judeus e de grupos vulneráveis (ROBIN, 2016). As redes de memória que desqualificam esses grupos e naturalizam os campos de concentração, os guetos e a morte, principalmente, dos judeus são bastante recorrentes. A grande circulação de enunciados eufemísticos como “a Solução Final para a Questão Judaica” ou o “Arbeit Macht Frei”, “o trabalho liberta”⁵, defendido por partidos conservadores e por grupos neonazistas, dão visibilidade e concretude a essas práticas. É pela repetibilidade que esses enunciados instauram efeitos de evidência pelo funcionamento da ideologia, que encaminha para o fechamento dos sentidos. Essa prática “mascara radicalmente qualquer descontinuidade epistemológica [...]” (PÊCHEUX, 1997, p. 128). Para Robin (2016, p. 31), memórias são fabricadas “em função das exigências do momento”. Os enunciados eufemísticos funcionam e são reproduzidos na formação social por sujeitos tomados pelo processo de identificação imaginária (PÊCHEUX, 1997), aceitando o discurso nazista pela interpelação da ideologia que legitima desvios, denegações e deslocamentos da memória (ROBIN, 2016).

Para muitos, o Holocausto é o paradigma da capacidade do sujeito fazer o mal, considerando o assassinato de cerca de seis milhões de judeus, consequência do projeto nazista de eliminar esse povo.

⁵ Os enunciados em alemão *Endlösung* / Solução Final: Plano nazista para exterminar os judeus da Europa durante o Holocausto. *Judenfrage* / Questão Judaica: Conceito nazista sobre a existência judaica na Europa, baseado em teorias antisemitas. *Arbeit macht frei* / O trabalho liberta: Slogan enganoso nos campos de concentração nazistas, onde milhões foram escravizados e exterminados. Tais enunciados foram amplamente utilizados pelo regime nazista para justificar e promover suas políticas de perseguição e extermínio durante a Segunda Guerra Mundial. Têm aspectos distintos da brutalidade e da ideologia nazista, que resultaram em um dos maiores massacres da história moderna. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/the-final-solution> Acesso em 29/04/2024.

Segundo Milgram e Rozetti (2012), o século XIX foi um período em que se concederam igualdade de direitos aos judeus e de acordo com os mesmos autores,

[...] entre as duas guerras mundiais, o mito de que eles eram revolucionários por natureza, comprometidos em conspirações para dominar o mundo e pertencentes a uma suposta 'raça' degenerada se propagou pela Europa e mundo afora. Por estas razões, a chamada 'Questão Judaica' assumiu um lugar de destaque no mundo ocidental e cristão. (MILGRAM; ROZETTI, 2012, p. 17).

Um exemplo desses eventos pode ser observado nos "Protocolos dos Sábios de Sião", uma compilação de textos que se tornou amplamente conhecida durante o século XX. Esses protocolos, baseados em falsificações, atribuíam aos judeus a responsabilidade por várias crises enfrentadas pela Alemanha após a Primeira Guerra Mundial, propagando a ideia de uma conspiração para conquistar todo o globo terrestre. Embora os personagens e eventos mencionados nesses escritos fossem fictícios e não correspondessem à realidade, Hitler e o Partido Nazista os utilizaram para fomentar e fortalecer o antissemitismo na Alemanha. (USHMM, sd).

2. Condições sócio-históricas de produção de museus e memoriais do Holocausto

A nossa filiação à teoria discursiva demanda que sejam colocadas em suspenso as condições de produção de museus e memoriais do Holocausto como discursos, tendo em vista que movimentam sentidos e se realizam entre interlocutores, como efeitos de sentidos, de acordo com o que nos ensina Pêcheux ([1969], 2019). A noção desfaz a busca pelos conteúdos e destaca os sentidos e as condições de produção, como nos diz Orlandi (2010, p. 30). Desse modo, compreendemos, juntamente com a mesma autora, que os dizeres não são meramente mensagens a serem decodificadas, mas discursos que instauram efeitos de sentidos, produzidos em determinadas condições de produção que afetam os modos de dizer e de interpretar. Pelo discurso marcado e datado da História, vale destacar que, entre as décadas de 1930 e 1940, o mundo viveu, como já explicitado, as atrocidades da II Guerra Mundial.

Os sujeitos não passaram ilesos pelo terror da guerra, foram, e ainda são, afetados pelos acontecimentos desencadeados por ela e pelos “restos” (AGAMBEN, 2008) que ressoam no tempo presente, fazendo sentido. Diante da emergência de

“lembrar para não esquecer”⁶, museus e memoriais, por exemplo, foram criados a fim de rememorar/comemorar o Holocausto, com vistas a propiciar às novas gerações, subsídios para o entendimento do acontecimento e da necessidade de evitar que se repitam tragédias desta magnitude.

Nessa direção, destaque-se que a rememoração (discurso *de*) equivale ao retorno de memórias e de discursos que sustentam a comemoração (discurso *sobre*) e, também, que não estamos destacando a comemoração como acontecimento positivo, mas como discurso em circulação, em sua linearidade. De qualquer forma, o discurso *sobre* comporta um discurso *de*, tendo em vista os “furos” que constituem os textos e os discursos, de acordo com Venturini (2009), alicerçada em Pêcheux (1997, p. 160), quando destaca que os sentidos não existem na linearidade, mas dependem de sujeitos e de suas filiações, de modo que os sentidos sempre podem ser outros, dependendo das “posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)”.

Como já mencionado anteriormente, buscamos, com estas considerações, responder à questão que é: Como, pela estrela amarela, se constituem efeitos de desconstrução imaginária dos sujeitos-judeus, marcados/segregados/discriminados pelos nazistas?” Para isso, recortamos o texto-imagem que compõe o acervo do Museo del Holocausto de Buenos Aires. Entendemos o texto-imagem como um todo indivisível, que se estrutura por enunciados-imagens, a partir dos quais instauram redes parafrásticas, que ressoam pela memória, repetindo o mesmo, e rompendo com a linearidade do discurso, sinalizando para a ruptura e o estranhamento, a polissemia (VENTURINI, 2009, p. 130).

Diante da questão a ser respondida, e que está no centro da nossa discussão, objetivamos analisar as condições de produção de criação e de funcionamento do Museo del Holocausto da Argentina e discutir o funcionamento discursivo da estrela amarela. Consideramos as condições de produção em sentido estrito e sentido amplo, destacando que o sentido estrito se refere ao próprio museu, tomado como discurso pelo engendramento de memórias e discursos que estão presentes nele e instauram efeitos de sentidos, apresentando a exposição, o tempo presente em que ela está exposta, os curadores do Museu e as discussões decorrentes dessa materialidade significativa estar

⁶ Enunciado que funciona como slogan do Museu do Holocausto de Curitiba/PR, o qual pertence à Rede LAES, assim como o Museo del Holocausto de Buenos Aires.

acessível no site do museu. Em sentido amplo, as condições de produção recobrem as condições sócio-históricas consideradas pelos “efeitos de sentidos de elementos que derivam da forma da nossa sociedade” (ORLANDI, 2010, p. 31), como as instituições museológicas e a maneira como elas organizam/selecionam aquilo que pode/deve/é mostrado/exposto/discursivizado.

Como já salientado, nos dedicaremos à análise discursiva, pelo viés pecheuxtiano, do Museu del Holocausto de Buenos Aires (MHBA), demandando a compreensão dos modos como esse espaço museal se constituiu e como redes de sentidos se estabelecem a partir de discursos nele contidos. Vale lembrar que estamos nos pautando em uma visita virtual proporcionada pela página da web⁷ do referido museu. O MHBA foi inaugurado em 2000, na capital Argentina, e suas atividades são desenvolvidas no antigo prédio da Companhia Ítalo-Argentina de Eletricidade. Nesse espaço, pode ser visto como era a vida dos judeus, na Europa e na Argentina, antes, durante e depois da Segunda Guerra Mundial. É assim que o espaço museal “visa a atuar na produção do conhecimento pela estruturação de arquivos que ‘guardam’ memórias de acontecimentos do passado, do presente, incluindo também o futuro, interpretado e lido pela lente do presente, sempre já passado” (VENTURINI, 2020, p. 183). Vale destacar que a Argentina é o país que mais recebeu judeus na América Latina. O MHBA, destaca:

Es un espacio vivencial que integra la historia del Holocausto-Shoá y sus repercusiones en la Argentina, con el objetivo de educar a las nuevas generaciones y preservar la memoria. A través de objetos, documentos y testimonios de los sobrevivientes se exhibe un recorrido que da cuenta del proceso de exterminio de seis millones de judíos a manos de la Alemania nazi.

Se ofrecen visitas guiadas, cursos y actividades educativas, con el fin de difundir la historia de la Shoá y sus consecuencias para la Humanidad, generar conciencia acerca de los peligros que conllevan las ideologías que difunden el odio, estimular los comportamientos solidarios ante el sufrimiento del otro y fomentar conductas éticas y humanitarias para prevenir futuros crímenes contra la humanidad. Su acervo patrimonial cuenta con testimonios de cientos de sobrevivientes que lograron rehacer sus vidas en Argentina luego de la tragedia. El Museo ha sido declarado Sitio de Interés Cultural por el Congreso Nacional y por la Legislatura de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires. (MUSEO DEL HOLOCAUSTO BUENOS AIRES, 2021).

⁷ Museo del Holocausto Buenos Aires – visita virtual. Disponível em: <https://www.museodelholocausto.org.ar/recorridovirtual360/>. Acesso em: 20/12/2021.

O Museo del Holocausto Buenos Aires, como consta no site, é um espaço vivencial que integra a história do Holocausto-Shoah⁸ e suas repercussões na Argentina e coloca como objetivo de educar as novas gerações e preservar a memória. Essa educação se realiza por meio de objetos, documentos e depoimentos dos sobreviventes, exibindo uma jornada que mostra o processo de extermínio de seis milhões de judeus nas mãos da Alemanha nazista.

O Museu oferece visitas guiadas, cursos e atividades educativas com vistas a divulgação da história da Shoah e suas consequências para a Humanidade, esperando sensibilizar e alertar para os perigos de práticas assentadas em ideologias que disseminam o ódio, além de desenvolver atividades que estimulam comportamentos solidários perante o sofrimento do outro e promovem conduta ética e humanitária para prevenir futuros crimes contra a humanidade. O acervo patrimonial desse lugar de memória conta com os testemunhos de centenas de sobreviventes que conseguiram reconstruir suas vidas na Argentina após a tragédia, tendo sido declarado Espaço de Interesse Cultural pelo Congresso Nacional e pela Assembleia Legislativa da Cidade Autônoma de Buenos Aires, de acordo com as informações do site e que foram traduzidas por nós.

O MHBA define-se como um espaço no qual o sujeito judeu e as atrocidades da Segunda Guerra se constituem em (dis)curso com o objetivo de presentificar as vivências desses sujeitos na formação social, buscando inscrever o acontecimento no domínio do real. Com essas práticas esperam dar visibilidade à Shoah, colocando em suspenso as possíveis leituras equivocadas e sinalizando para o descaso. Esperam, com

⁸ 1- Para Mayer, a origem da palavra "Holocausto" remonta ao grego holos, significando "inteiro", e kaustós, que se traduz em "queimar", denotando "queimado por inteiro". (Arno J. Mayer, *Soluzione finale*, cit.; Götz Aly, "Endlösung". *Volkerverschiebung der Mord an den europäischen Juden* (Frankfurt, Fischer, 1995)

2-Shoah - Este termo tem suas raízes na língua hebraica e é usado principalmente em contextos judaicos. Literalmente, significa "catástrofe" ou "devastação". Na década de 1940, começou a ser usado pelos sobreviventes judeus do massacre para descrever especificamente o que aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial. Enquanto "Holocausto" é mais abrangente em seu alcance, "Shoah" é mais específico e ressoa mais profundamente com a experiência judaica. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/13903/11084> Acesso em 29/04/2024.

3-Referenciaremos o artigo de Venturini (2022) para explorar o viés discursivo associado ao termo "Holocausto", vendo-os como elementos que influenciam ou desestabilizam memórias, introduzindo equívocos e contradições na discussão sobre as condições de sua ocorrência. Tanto o explícito, quanto o implícito são partes do discurso, gerando silêncios, apagamentos, presenças, ausências e até mesmo resistências. A autora argumenta que "Holocausto" e "Shoah" são usados para tentar dar nome ao evento que está além dos limites dos nossos gestos de interpretação, pois não capturam completamente a sua dimensão dramática e desumana.

isso, disseminar e fortalecer as memórias judaicas, pela educação. Um dos lugares em que ressoa esse fazer pela educação é o Museu do Holocausto de Curitiba, centrado no slogan “Por toda a vida vamos lembrar”, como acontece com os demais espaços memoriais que compõe a Rede LAES – Rede Latinoamericana para o Ensino da Shoah, destacado como função primeira do trabalho a memória, a educação e a aprendizagem do Holocausto. Os museus do Brasil, da Argentina, do Chile, da Costa Rica, da Guatemala, do México, do Panamá, do Peru e do Uruguai fazem parte dessa rede.

As exposições do site do MHBA preocupam-se em fazer ver como era a vida dos judeus. Há destaque, ainda, para os objetivos dos nazistas, de eliminar os judeus do mundo, como previa a “solução final”; para a resposta à política de extermínio dos nazistas, mostrou a exposição *Resistência* (2016); para as influências do nazismo no futebol argentino e o perigo do ressurgimento do antissemitismo e racismo no esporte, trouxe exposição *Não era um jogo* (2019).

O programa museológico do MHBA apresenta sempre uma exposição de longa duração, que reflete a questão dos judeus durante a Shoah, partindo dos antecedentes da ascensão nazista na Europa até as consequências do Holocausto para a comunidade mundial e os fluxos migratórios daí decorrentes, em particular para a Argentina. A exposição permanente ainda traz materialidades discursivas compostas por fotografias, vídeos, trilhas sonoras, aplicativos multimídias e terminais de consulta, por meio dos quais o público entra contato com os fatos históricos envolvidos durante a Shoah (Holocausto). Conta também, com um acervo de documentos e objetos, pessoais e simbólicos, relacionados ao tema – fruto de parcerias com instituições museológicas nacionais e internacionais dedicadas ao tema e de doações feitas pela própria comunidade.

Dadas as condições de produção, passamos à discursivização de um texto-imagem que dá visibilidade à discriminação e a diferenciação entre sujeitos, considerando gênero, orientação sexual, dentre outras.

Texto-Imagem⁹ 1 - EL SÍMBOLO DE LA DISCRIMINACIÓN

⁹ Utilizamos a designação texto-imagem a partir de Venturini (2009/2024), considerando o funcionamento da memória, os silêncios e os não-ditos presentes na imagem, o que faz com que ela se constitua como um texto, encaminhando para discursos.



Disponível em: <<https://www.museodelholocausto.org.ar/360/?id=9#>> Acesso em: 23/12/2021.

No texto-imagem, destacam-se as diferentes formas da insígnia estrela amarela, utilizada pelos nazistas para distinguir/segregar os judeus do restante da sociedade. Para cada uma das estrelas amarelas assinaladas no texto-imagem, há a inscrição do país que a adotou. No entanto, os objetivos dessa adoção sempre foram os mesmos.

O recorte desta materialidade significativa possibilita buscar os efeitos de sentido que dele ressoam. Na perspectiva discursiva, é possível analisarmos tanto o verbal quanto o não-verbal, estruturado por texto-imagem, como materialidade que significa pelos funcionamentos da memória e pelos deslizamentos que ela produz, a partir de enunciado-imagem, definidos como “espaço interdiscursivo porque significa pela memória que convoca e faz funcionar, e pela ideologia instaura evidências da transparência da linguagem e da homogeneidade dos sentidos” (VENTURINI, 2015, p. 161),

Nesse sentido, compreendemos o interdiscurso como a memória, estruturada pelos pré-construídos de acordo com Pêcheux (1997, p. 156, grifos do autor), como efeito que “consistiria numa *discrepância* pela qual um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensado ‘antes em outro lugar, independentemente’”. A perseguição aos judeus é um acontecimento que perdura por muitos anos. Rememora (como discurso *de*) e significa no fio discursivo, como na época bíblica, uma vez que os judeus não reconhecem Jesus como salvador.

Em várias épocas, em diversas cidades da Europa, os judeus foram obrigados a residir em guetos e a usar uma marca especial de identificação em suas roupas – em Roma, no século XIII, era uma insígnia amarela. Uma das poucas ocupações franqueadas aos judeus era a de agiota, já que os cristãos eram proibidos de praticar a “usura”. E como Shakespeare ilustra em *O mercador de Veneza*, o agiota judeu acabou se tornando uma figura odiada. Na Alemanha, em 1543, Martinho Lutero escreveu sobre os judeus e suas mentiras. Os judeus, dizia Lutero, “nada mais são do que ladrões e usurpadores que diariamente não comem bocado e não usam peças de roupa que não tenham furtado e subtraído de nós por meio de sua maldita usura”. Ele conclamou o populacho a “expulsá-los de vez desse país [...] fora com eles!”. (REES, 2018, p. 14-15).

Portanto, como pode-se sublinhar, a perseguição aos judeus é um discurso que circulou antes e retoma como pré-construído pela história, entendendo-a a partir de Pêcheux (2002, p. 42) como “uma disciplina de interpretação e não uma física do tipo novo”. Assim, um passado que retorna no tempo presente, instaura efeitos de sentidos pela interpretação, constituindo versões, dando visibilidade a saberes que não se reduzem à ordem das coisas-a-saber (PÊCHEUX, 2002). Trata-se “de um real constitutivamente estranho à univocidade lógica, e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina e que, no entanto, existe produzindo efeitos” (PÊCHEUX, 2002, p. 43). Nas condições de produção da segunda guerra mundial, as práticas antissemitas, como as leis que excluía os judeus, ganharam força e foram postas em prática mais veementemente, ancorando-se em memórias que ressoavam desde tempos há muito tempo, mas que ganharam força pela construção de uma narratividade, que funciona como um jogo de linguagem, pautada em discursos que circularam antes e sustentam a atualidade.

Historicamente, a data de 19 de setembro de 1941 é considerada uma das mais tristes para o povo judeu, uma vez que nesse dia tornou-se obrigatório o uso da estrela de Davi, de seis pontas, amarela, que sinaliza para efeitos de sentido de peste e quarentena. “Na Idade Média, era a cor que identificava os judeus, mas também era a cor da inveja, da bília com sangue, a cor do mal a ser evitado” (KLEMPERER 2009, p. 261).

Os textos-imagem, como textos que são e encaminham para discursos, dão visibilidade e concretude a esses efeitos de sentidos, fazendo-os circular e significado pelo que vem de antes, de um passado mais distante e de dizeres que de tanto serem repetidos, instauram efeitos de verdade, pelo que é “estranhamente familiar [...] por ser

o retorno do estranho no familiar” (PÊCHEUX, 1997, p. 156). Esses efeitos resultam do trabalho da língua na história. A língua é o lugar material da ideologia, espaço em que o discurso se constitui como materialidade. A materialidade significativa – a estrela amarela – como enunciado no texto-imagem, encaminha para a representação imaginária que se eterniza no presente, ancorando-se no passado. Os efeitos de sentidos decorrem das relações simbólicas, pelas quais não se podem dizer o que a cor amarela significa, tendo em vista que há um efeito imaginário determinado, imprimindo efeitos de sentido para suas produções simbólicas. A união entre imagem e texto possibilitou, portanto, observar como funciona a memória e a história em uma determinada formação discursiva. Pêcheux afirma que:

[...] os sentidos de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras, expressões, proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). (PÊCHEUX, 1997, p. 160).

As posições-sujeito sinalizam para a formação discursiva (PÊCHEUX, [1975] 1997, p. 160) que determina o pode/deve ser dito ou não deve/não dito. A formação discursiva decorre de tomadas de posição-sujeito decorrente de formação ideológicas.

Retomando o enunciado-verbal que compõe o texto-imagem 1, temos o testemunho de Agnes Sassoon, sobrevivente do Holocausto. A partir dele a testemunha confessa: “Fizeram-nos usar uma estrela amarela para nos distinguir, para nos tornar uma presa fácil de localizar. Sofremos constantes humilhações. Poderíamos ser parados a qualquer hora e em qualquer lugar.” Neste enunciado, o sintagma nominal “presa fácil” constitui efeitos de sentido que comparam o sujeito judeu a um animal, que está prestes a ser caçado/abatido, como são as presas. Trata-se do funcionamento metafórico, em que o judeu é um animal.

As palavras falam com outras palavras, Petri (2018), de modo que na relação existente entre discursos, as palavras tocam, pelo interdiscurso, outras palavras. Na obra *Maus*, de Art Spiegelman (2009), os judeus são discursivizados como ratos, enquanto Hitler e os nazistas, como gatos. Esses efeitos ressoam no fio do discurso a partir de memórias e de relações entre os discursos, podendo-se compreender pelas condições de produção do discurso, em tela, que o sujeito judeu é um rato e os nazistas são gatos. Esses efeitos resultam da metáfora como transferência de rato para os judeus, lendo-se aí, que eles

não se comportam como tal, mas inscrevem-se nessa condição pelo regime nazista. Temos a subjugação, a humilhação, esses sujeitos dentro de trens, Levi (2018). Entendemos que há duas formações discursivas: a dos judeus (ratos) e a dos nazistas (gatos) e os efeitos de sentidos se constituem, portanto, pela inscrição do sujeito.

Diante dessas relações discursivas, mobilizamos agora uma sequência discursiva (SD) extraída da obra “Estrela Amarela”, editado por Jenifer Roy em que Sylvia Perlmutter narra, já na velhice, as memórias de um dos momentos mais difíceis de sua infância: sua vida no gueto de Lodz dos 4 aos 10 anos de idade.

Laranja. É esta a cor do meu casaco, que combina com um cachecol que me deram antes da guerra. Também deram um para Dora, só que azul e maior. Amarelo. É esta a cor da estrela de seis pontas que costuraram no meu casaco. Há uma lei que diz que todos os judeus devem exibir a estrela de Davi na roupa sempre que saem de casa, senão serão presos. *Como eu gostaria* de arrancar a estrela (com cuidado, pouco a pouco, para não estragar meu casaco tão bacana), porque o amarelo deveria ser a cor da alegria, não *a cor do ódio*. (ROY, 2011, p. 21, grifo nosso).

Nesta SD, o sujeito judeu identifica-se com a formação discursiva dominante, mas demonstra certa resistência diante das atrocidades e imposições feitas pelo nazismo a ela e a sua gente. Ao enunciar “Como eu gostaria”, o sujeito revela sua indignação com a insígnia estrela amarela, o que faz ressoar efeitos de sentidos de medo, dor e morte. Reverbera esse medo, a revolta, com a sutileza e a delicadeza da criança ao enunciar que “arrancaria x com cuidado”, instaurando efeitos de contradição. Por sua vez, o ódio enunciado, ressoa nos discursos antissemitas que disseminavam a aversão aos judeus, povo, na visão dos nazistas, que não acreditava em Jesus como salvador, além de ser acusado de praticar usura.

Efeitos de conclusão

Os Museus do Holocausto, em especial, os que compõem a rede LAES, têm se apresentado como lugares de memória e de discursivização do sujeito judeu. A partir de um texto-imagem que enunciava a estrela amarela e a obrigatoriedade de os judeus usarem ocorre a marcação de sujeitos a serem eliminados da Alemanha. Evidenciamos que a cor amarela que é solar, alegre (como a própria criança diz), é associada à tristeza, à dor, ao ódio, à morte, pois, a partir dessa identificação, foram mortos mais de 6 milhões de judeus.

Esse funcionamento vem ao encontro dos pressupostos da Análise de Discurso, sinalizando que os sentidos mudam de acordo com as condições de produção e com a tomada de posição dos sujeitos. Assim, o 'sentido' da cor amarela rompe com a repetibilidade e instaura o novo, a polissemia, como nos diz Orlandi (2002). Sublinhamos, ainda, que os textos-imagens se sustentam pelos diferentes efeitos de sentidos que ressoam na materialidade, possibilitando que se analise as imagens como enunciados e textos, tendo em vista os movimentos de sentidos delas, quando são mobilizadas em diferentes condições de produção, como acontece, no texto-imagem 1, que faz parte do *corpus* e do movimento analítico realizado, no texto em tela.

Referências

AGAMBEN, G. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. São Paulo: Boitempo, 2008.

KLEMPERER, V. *LTI: a linguagem do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

JORGE, B. W. G. de A. *História Secreta das Forças Especiais*. In: Revista Brasileira de Inteligência. Brasília: Abin, n. 7, jul. 2012, p. 106.

LEVI, P. *Os que sucumbem e os que se salvam*. Trad. José Colaço Barreiros Cordóva, PT: Publicações Dom Quixote, livro virtual, 2018.

MILGRAM, A; ROZETTI, R. *O Holocausto: as perguntas mais frequentes*. Jerusalém, 2012.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2002.

ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2004.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

PÊCHEUX, M. [1975]. *Semântica e Discurso*. Uma crítica à afirmação do óbvio. 5.ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 3ª. Ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2002.

PÊCHEUX, M. *Análise Automática do Discurso*. Trad. Eni Orlandi e Greciely Costa. Campinas/SP: Pontes Editores, 2019.

PETRI, V. “História das palavras” na história das ideias linguísticas: para ensinar Língua Portuguesa e para desenvolver um projeto de pesquisa. *Revista Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 13, n. 19, pp. 47-58, 2018.

REES, L. *O Holocausto: uma nova história*. São Paulo: Vestígio, 2018.

REISS, C. *Luz sobre o caos: educação, memória do Holocausto*. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2018.

ROBIN, R. *A memória saturada*. Trad. Cristiane Dias, Greciely Costa. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2016.

ROY, J. *Estrela amarela*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SPIEGELMAN, Art. *Maus: a história de um sobrevivente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Os Protocolos dos Sábios de Sião. Enciclopédia do Holocausto [online], 2012. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/protocols-of-the-elders-of-zion>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

VENTURINI, M C. *Imaginário urbano: espaço de rememoração/comemoração*. Passo Fundo/RS: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2009.

VENTURINI, M. C. Espaços de memória e a resistência no discurso sobre a língua. In: *Polifonia*, Cuiabá, MT, v. 22, n. 31, p. 151-172, jan/jun 2015. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/3125> Acesso em: 20 jul. 2023

VENTURINI, M. C. O saber urbano por/em museus como lugares de fala. In: DIAS, Cristiane Pereira Costa; COSTA, Greciely Cristina da; BARBAI, Marcos Aurélio. *Artefatos de Leitura*. Campinas/SP: LABEURB/NUDECRI/Unicamp, 2020, p. 183-202.

VENTURINI, M. C. *Holocausto e silêncio em (dis)curso*. Línguas e Instrumentos Linguísticos, Campinas, SP, v. 25, n. esp, p. 201–213, 2022. DOI: 10.20396/lil.v25iesp.8671211. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8671211>.

VENTURINI, M. C. *Imaginário urbano: espaço de rememoração/comemoração*. 2 ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2024.

VENTURINI, MARIA CLECI ; TEIXEIRA, Maria Cláudia. Holocausto, museu e universidade: estabelecendo relações com a escola. In: Andréa Rodrigues; Bruno Deusdará; Juciele Pereira Dias. (Org.). *Discursos em análise do/no presente*. Curitiba: CRV, 2023, v. 5, p. 205-218.

VEYNE. P. (1978 [2008]). Como se escreve a história. Trad. António José da Silva
Moreira. Coimbra/PT: Edições 70 – Ed. Ver. (Lugar da História 20).